

Por que somos Tomistas: da Teologia à Política

FRANCISCO ELIAS DE TEJADA

Para os furiosos progressistas que hoje se lançam contra o corpo doutrinário da Igreja Católica na mais violenta rebelião que o Demônio tenha sido até hoje capaz de inocular na humanidade, o nome de S. Tomás de Aquino constitui um repulsivo capaz de desembocar nas mais enérgicas condenações, um exorcismo que desencadeia loucuras de raiva infecunda, como nos porcos que o Senhor fez perecer quando em seus corpos penetrou o Maligno em um dia plácido às margens do Lago de Tiberíades. Rebelião e furiosa ira que devem levar-nos a empunhar o nome do Doutor Angélico como bandeira de nossa luta em defesa dos princípios da autêntica Tradição católica.

A prova mais convincente de que este frade, profundo e sereno pensador do século XIII, é o melhor remédio contra os males de nosso tempo é o diabólico furor que suscita nos progressistas destruidores do Corpo Místico de Cristo em Sua Igreja única, universal, católica, apostólica e romana. Com a mesma serenidade fecunda que S. Tomás de Aquino prodigalizou em seus escritos e em sua vida, devemos dar prova de nosso compromisso de católicos autênticos seguindo seus ensinamentos. Ponderados no pensamento mas cheios de ímpetos na realização; compreensivos com os que os atacam e desprezam, mas com a íntima segurança que nos é dada pelo fato de sermos seus seguidores intelectuais; abertos às novidades que cada geração traz, mas com a decidida vontade de recebê-las para integrá-las na harmoniosa arquitetura das *Summae* tomistas; atualizadores dos temas do século XIII, mas convencidos de que a formulação a eles dada por S. Tomás no longínquo 1200 possui a validade permanente que é característica da verdade.

Vivemos em um período de crise que pode ser comparado apenas à provocada na cultura ocidental pelo irrompimento do aristotelismo no século XIII e da heresia protestante no XVI. Por isso, perante as heresias demolidoras das essências católicas, proclamamo-nos inimigos acérrimos de qualquer compromisso com o erro e de qualquer claro-escuro ideológico, fiéis à linha católica traçada por S. Tomás e mais tarde definida pelos preclaros teólogos do século XVI em Santa Maria de Trento. Somos tomistas e tridentinos. E o somos porque é nosso objetivo seguir tão excelsos exemplos; fazer nosso o pensamento do Doutor Angélico procurando em sua doutrina as armas aptas a combater as modernas heresias, seguindo as pegadas dos grandes teólogos tridentinos que na batalha contra a heresia protestante desembainharam as temperadas espadas da doutrina tomista.

É esse o caminho de nossa fidelidade. Da fidelidade perene às verdades da Fé revelada por Cristo, como foi interpretada pela inteligência iluminada do Santo Doutor e definida em Trento por aqueles que souberam seguir os passos do Frade santo. Se não conseguirmos o que foram capazes de fazer aqueles homens ilustres dos quais nos sentimos fidelíssimos continuadores, será devido à nossa incapacidade. Mas na guerra católica em que nos sentimos santamente empenhados, saberemos conservar na vitória a sabedoria serena, inimiga do orgulho vão, e, na derrota, a fé serena e firme que é imune a vacilações covardes. Baste às nossas consciências a firmeza de nossa decisão militante: isso é o que nos compete. As vitórias ou as derrotas são concedidas por Deus segundo os desígnios de Sua providência. Nosso dever é combater, independentemente dos desígnios do Altíssimo.

Muitos dos que estão presentes aqui, hoje, são herdeiros da eterna mensagem tridentina, porque continuadores das Espanhas dirigidas pelo glorioso braço do incomparável Filipe II de Castela, quando nossos avós combateram com as armas e as idéias as batalhas do Senhor nosso Deus. Com as armas ou com as idéias, os “requetés”, eternos guardiães e defensores da verdade católica definida em Trento, vieram para trazer o testemunho de seu juramento de cruzados. As ordens de uma dinastia legítima, legítima porque ostentava as bandeiras de Trento nos horrores de três guerras civis, os nossos avós atestaram com seu sangue, que é o nosso, a férrea decisão de lutar até o supremo sacrifício. Não deve, portanto, causar surpresa que os carlistas aqui presentes tenham vindo oferecer à Memória sempre atual de S. Tomás de Aquino a sentida homenagem de sua gratidão por lhes ter ensinado a verdade católica e alimentado a ânsia espiritual de continuar a empresa daqueles que os precederam na defesa da fé que é cruzada, da missão elevada a milícia, da lealdade aos seus reis sublimada na milícia própria dos soldados de Jesus Cristo. O ímpeto militar do “Requeté” de hoje é a exata perpetuação do ímpeto militar dos soldados de Lepanto e de Mühlberg, de Alcazarquivir e de Otumba. E vô-lo diz, com humildade e consciente de sua indignidade, o descendente de um capitão dos Tercios do Reino de Nápoles, que serviu a Deus porque estava a serviço dos reis das Espanhas heróicas, católicas e missionárias.

Sei já que hoje a empresa é difícil, devido ao confucionismo dialogante. Não se fala de catolicismo mas de ecumenismo, termo novo, em cujas aplicações vemos que, infelizmente, pouco resta do autêntico catolicismo. Perdeu seu vigor a tensão missionária porque, em vez de hereges, palavra horrenda por sua clareza inequívoca, se fala de irmãos separados, primeiro passo para que a Igreja Católica se abaixe da intransigência, que é prerrogativa da verdade, aos compromissos que terminarão transformando-a na primeira das seitas protestantes.

Falta um rei com a fé e o vigor de Filipe II, capaz de ser mais papa que o Papa, quando for necessário. O clericalismo substituiu o catolicismo. Da universal missão divulgadora da verdade passou-se à Inter-

nacional das democracias cristãs, suma de grupos políticos que, em sua incoerência de serem cristãos e ao mesmo tempo democráticos, constituem *o câncer que corroi a Cristandade*, dividindo com a política o que por religião deveria ser unido. As democracias cristãs, que são contradições essenciais, o progressismo de heréticos aos quais não se sabe porque se permite chamarem-se católicos, o confusãoismo que ninguém tem a coragem de sufocar em virtude de satânicas concessões assim chamadas “pastorais”, são os males, tristemente conhecidos, da era na qual nos tocou viver.

Para combatê-los, voltemos o olhar cheio de esperança aos ensinamentos de São Tomás de Aquino. Porque no Santo das Escolas esperamos encontrar a clareza hoje ofuscada por democratas-cristãos ou marxistas-cristãos, por aqueles que fogem de São Tomás como o Diabo da Cruz, por aqueles que renegam o Santo Doutor, prisioneiros do justificado temor de que o sol que surge da *Summa* precipite-os definitivamente

“...a la riva malvagia

ch’attende ciascun uom che Dio non teme” (1)

(Dante — “Inferno” — III, 107-108)

Queremos dissipar as trevas nas quais pouco a pouco está afundando a verdade católica. E devemos fazê-lo com a ajuda do Frade santo, cujos ensinamentos servem contra os males de nosso século com a mesma rigorosa eficácia com que serviram contra as heresias do século XIII.

O PROBLEMA FILOSÓFICO DO SÉCULO XIII

O século XII é dominado pela forte influência da doutrina aristotélica novamente descoberta. O prestígio de Aristóteles era tal que se poderia comparar à linha da sabedoria encarnada na “*philosophia christiana*”. A desenfreada mania da classificação, moda intelectual do século precedente, denuncia já o perigo da ameaça aristotélica. A “*philosophia christiana*” intuída por São Justino, abertamente proclamada por Santo Agostinho e, nos dois séculos anteriores, pelos vitorinos, pelos cistercenses e por João de Salisbury, é a filosofia que se adaptava aos ditames superiores da Revelação, não a meditação racional sobre a Divindade que é própria da Teologia.

Quando sobre a meditação racional acerca do Ser divino predominar a ânsia de comunicação com a Divindade, os vitorinos, os cistercenses ou João de Salisbury darão à mística unida ao dogma uma importância superior à da filosofia; de tal modo a hierarquia do saber, repetida em todas as classificações do século XII, espelha-se invariavelmente em uma catalogação que, das Artes liberais codificadas por Marciano Capella, sobe até às ciências teóricas, entre as quais deve ser incluída a Teologia. O tudo organizado em uma palpitante unidade de saberes porque a filosofia equivale à totalidade do “*scibile*” raciocinado pela razão humana; de modo que o que aparece além da filosofia é o dogma revelado, que é obra de Deus e cujo conteúdo dá forma substancial :

(1) “...à margem maldita que espera todo homem que não teme a Deus”

cada ramo da filosofia: da Ética, que afunda suas raízes nas virtudes ditadas nos preceitos do *Decálogo*; até o Direito, que reconhece a jurisdição da Igreja enquanto instituição fundada por Jesus Cristo, ou à Política, que se funda sobre a fórmula das chaves entregues por Cristo a São Pedro para servir de base à ordem da Cristandade no Ocidente. Até o século XII a filosofia é a razão pensante, sujeita à Revelação: a Teologia faz parte da filosofia porque o seu objeto científico é constituído pelo estudo racional do Ser divino; não obstante isso, a filosofia cristianizada não prescinde da razão em nenhuma de suas partes, nem a revelação pertence exclusivamente à Teologia. Esta será a brecha que dará passagem às polémicas do século XIII.

Nos primeiros cinco lustros do século domina um “timor riverentialis” perante Aristóteles, isto é, perante a nova filosofia que chega através de traduções sempre mais precisas, acolhidas como apetitoso nectar pelos doutos contemporâneos. Para se ter uma idéia disso, basta ler o catálogo compilado com paciência, neste caso genuinamente beneditina, pelo beneditino J. T. Muckle com o título “Greek works translated into Latin before 1350” (2), onde se vê claramente a progressiva penetração de um Aristóteles que se vai conhecendo cada vez com termos mais exatos. É precisamente esse novo Aristóteles que mudará as perspectivas dos estudiosos em um irromper de paixões intelectuais cuja crônica seria a radiografia intelectual deste período da história do pensamento ocidental. É necessário pensar que até então não se entendia por filosofia uma escola determinada, mas todo o conjunto dos conhecimentos humanos; tanto é verdade que se incluíam nela as Artes liberais, embora tenha havido um classificador anônimo, do qual nos dá notícia Martin Grabmann em “Die Geschichte der scholastischen Methode” (3), que esclareceu que nela não imperavam os raciocínios seguros; enquanto, por outro lado, os místicos passavam diretamente das Artes liberais, confundidas com o saber filosófico, à consideração do dogma no duplice valor de fé que aceita a Revelação e de fusão do homem com a Divindade.

O novo Aristóteles preparava uma filosofia com uma marca totalmente diferente, porque comportava uma elaboração sistemática independente do dogma cristão. Daí surgiu a dúvida da possibilidade ou impossibilidade de incluir a Teologia na Filosofia, ou se era necessário separá-la, destacando-a do conjunto dos conhecimentos filosóficos; porque em Aristóteles não existe o dogma, dado que em seu fechado sistema interpretativo do universo, o Cristianismo, por óbvias razões cronológicas, não pudera entrar.

Nesse ponto, estamos novamente no início da meditação ocidental: isto é, nos albores do pensamento grego: por um lado a religião que dava uma interpretação total do mundo, e do outro, Aristóteles que interpretava filosoficamente o universo de maneira completamente dife-

(2) In “Speculum” de Toronto, IV (1942), págs. 32-42; e V (1943), págs. 102-114.

(3) Berlim-Graz, Akademie-Verlag und Akademische Druck und Verlag aust. Em dois volumes, 1950 e 1956.

rente; ambos pareciam inconciliáveis. Tanto mais que o averroísmo suscitava sua radical separação, defendendo a possibilidade de duas verdades paralelas: a verdade segundo a tradição cultural cristã, a cujos ditames se acomodara a débil filosofia até então conhecida; e a verdade inscrita no sistema de Aristóteles novamente descoberto, que se toma como verdade filosófica por excelência. Sigieri de Brabante, nas suas "Quaestiones de anima intellectiva", Boécio de Dácia no "De Summo bono", o inglês João de Secheville no "De principiis naturae", João de Jandun nos seus múltiplos comentários ao Estagirita, das aulas do Colégio das Artes da Universidade de Paris, serão os mais estrênuos defensores da diferenciação entre verdade filosófica e verdade teológica, ambas com igual validade gnoscitiva. A "via philosophica", racional e aristotélica, ergue-se contra a "verdade" da fé conhecida através da revelação. O "cum philosophice procedamus" de Sigieri de Brabante será um desafio à antiga concepção da filosofia entendida como especulação racional radicada na revelação.

A ameaça era tremenda, muito mais grave do que a sucessiva heresia protestante do século XVI e do que o progressismo científico e ateizante do XX. Um milênio de saber duramente elaborado por gerações e gerações estava a ponto de desmoronar inevitavelmente.

SANTO TOMÁS INTEGRISTA

A profunda crise do pensamento ocidental é superada no século XII desembocando em duas direções penosamente conseguidas: a primeira com a transformação da "philosophia christiana" em teologia, com o que se procura encobrir a dependência da nova filosofia aristotélica, filosofia por antonomásia, da antiga filosofia, mudada agora em teologia; a segunda com a ruptura do recinto científico das sete Artes liberais, caminho que a ciência percorrerá para tornar-se independente tanto da filosofia quanto da teologia. Quatro grandes sistemas preparar-se-ão para oferecer suas soluções: a ciência experimental de Roger Bacon, as artes lógicas de Ramon Lulio, a metafísica da Divindade infinita de Duns Scott e o harmonicismo de São Tomás de Aquino, único sistema filosófico que conseguiu sanar a cisão restaurando a unidade harmônica e hierárquica dos múltiplos campos do saber humano.

Com o seu sistema integrador e onicompreensivo poder-se-iam evitar as duas heranças demolidoras do século XIII: por um lado a separação da filosofia e por outro a fratura das Artes liberais. De fato, a férrea concatenação das teses tomistas não deixava qualquer porta aberta ao experimentalismo como fonte e medida dos conhecimentos, nem à matematização das ciências, nem à fervorosa incompreensão dos atos da vontade divina. Somente Santo Tomás conseguiu, com o maravilhoso e equilibrado harmonicismo, evitar qualquer erro ideológico. Ele fez, sim, uma única concessão à moda contemporânea, mas no terreno puramente terminológico, intitulado "Summa Theologica" a obra que um século antes

ter-se-ia chamado "Summa christiana philosophiae". Porque o Santo combate os erros dos sistemas aristotelizantes, mas sabe tirar deles o que de útil apresentavam. Longe de ser o filósofo tachado de fanatismo pela desdenhosa ignorância progressista, foi o pensador mais receptivo de toda a história do Cristianismo. De fato, Santo Tomás não exclui jamais por preconceito, mas procura integrar ao serviço da especulação cristã tudo o que Aristóteles tinha de bom. Não serão do mesmo parecer os atuais progressistas, afastados da verdade por sua fenomenal ignorância. Malgrado seu, não se pode deixar de reconhecer que Santo Tomás integrou as verdades da razão humana na única verdade de Deus. Foi íntegro na verdade, e nós, que no século XX nos sentimos honrados do nome de integristas, somo-lo, porque queremos ser fiéis discípulos de tão grande mestre.

A REAÇÃO ANTIARISTOTÉLICA E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

Quando S. Tomás começava seu trabalho especulativo, a separação entre a teologia, herdeira da "philosophia christiana", e a filosofia, seqüez do novo Aristóteles, estava completamente consumada.

Tal separação se produz pela pretensão obstinada de repudiar Aristóteles, sem compreender que uma parte não desprezível de seu pensamento poderia ser tomada em favor dos dogmas revelados. Mas no princípio do século XIII a única atitude em relação a ela é a de condenação total sem concessões. Citamos, a propósito, alguns exemplos. Absalão de Springkirchbach, cônego morto em 1203, sentenciamos peremptoriamente em um de seus "Sermones": "Delectabit fortassis te facundia Tullii, sapientia Platonis, ingenium Aristotelis, qui sapientes nescios et stultos peritos facit. Sed quae est convenientia Christi ad Belial? Auferre ista hinc et nolite facere domum patris vestris domum negotiationis (Job. 11). Non enim regnat spiritus Christi, ubi dominatur spiritus Aristotelis".

Atitudes análogas são encontradas no sínodo de Paris presidido por Pedro de Corbeil, em 1210, ou, pouco mais tarde, no núncio pontifício Roberto de Courçom; tornando-se vãs as tentativas de intercessão do Papa Gregório IX, em sua carta de 7 de julho de 1228 à Universidade de Paris, na qual recomendava a moderação no uso das novas fontes. Mas enfim se criara um ambiente de tão áspera polêmica entre os dois sistemas filosóficos, que se se louvava Aristóteles, "philosophus" por excelência, a velha "philosophia christiana" era forçada a mudar de nome, passando a chamar-se teologia.

Em "Les sermons parisiens de 1230-1231. Contribution à l'histoire de la prédication médiévale", M. Davy (4) apresenta muitas citações nas quais surge com clareza meridiana todo o desprezo de que era objeto Aristóteles. Era uma atitude negativa, desprezante, intento em salvar só por

(4) Paris, Vrin, 1931.

meio de diatribes a “*philosophia christiana*”, transformando-a em teologia para ressaltar que nela vigorava o dogma, em aberto contraste com o puro racionalismo da filosofia aristotélica.

Da mesma maneira, o inglês Alexandre de Hales, professor em Paris, falecido em 1245, na questão X da “Introdução” à sua “*Summa universae theologiae*”, toca no tema delicado da relação entre ciência e filosofia, tema verdadeiramente nevrálgico para as disputas sobre o valor da nova filosofia aristotélica. Perante a novidade do problema responde com uma solução igualmente nova. Não dirá que a teologia faz parte da filosofia porque, sendo no século XII a filosofia, por antonomásia, a cristã, e no XIII a aristotélica completamente independente do dogma, o conceito de filosofia não era mais o mesmo e, conseqüentemente, nem a relação da filosofia com a teologia, não podendo existir entre as duas senão um critério de absoluta independência. Com esta afirmação, Alexandre de Hales separava a revelação da razão, considerando filosofia e teologia não quanto a seus objetos de estudo, mas em função de sua dependência ou independência da revelação cristã. Para justificar sua nova teoria resalta que precedentemente a filosofia compreendia duas partes: a ciência e a sabedoria; a primeira dirigida ao conhecimento da verdade, a segunda à aproximação com Deus para conseguir a salvação eterna: repetindo a tese agostiniana, vigente desde Cassiodoro e por tantos séculos universalmente reconhecida. Aristóteles, portanto, podia servir para o conhecimento da verdade, mas jamais para a salvação eterna, porque seu conhecimento, estritamente racional, estava privado da luz do dogma revelado. Pouco importava que ambas, filosofia e teologia, fossem operações racionais tendo por objeto a natureza ou a Divindade, porque o que interessava naqueles gravíssimos momentos era salvar o dogma das ameaças do racionalismo. Era necessário encontrar um critério novo, era necessário reconsiderar as fontes. Para chegar a tal fim bastará romper a unidade de ciência e sabedoria existente na filosofia cristã anterior à renovação aristotélica e concluir que a ciência é própria da filosofia enquanto a sabedoria é própria da teologia. Leiamos diretamente na “*Summa universae theologiae*”, “Introdução”, I, 4: “*Dicendum quod alius est modus scientiae, qui est secundum comprehensionem veritatis per humanam rationem; alius est modus scientiae secundum affectum pietatis per divinam traditionem. Primus modus definitivus debet esse, divisivus, collectivus; et talis modus debet esse in humanis scientiis, quia apprehensio veritatis secundum humanam rationem explicatur per divisiones, definitiones, et ratiotinationes. Secundus modus debet esse praeceptivus, exemplificativus exhortativus, revelativus, orativus, quia ii modi competunt affectui pietatis et his modus est in sacra Scriptura: unde ad Titum, I, 1, dicitur scientian secundum pietatem. Praeterea, modus praeceptibus est in Lege et Evangelio, exemplificativus in historiographis, exhortativus in libris Salomoni et Epistolis, revelativus in Prophetis, orativus in Psalmis*”.

Como última conclusão chegou-se a confundir a Revelação com a meditação racional sobre o conteúdo da Revelação, o dogma com o estudo

racional do dogma, tudo fazendo parte da teologia. Claros exemplos disso encontramos-os no "Breviloquium", prólogo, III, 2 de São Boaventura ou na "Summa theologiae", I, 1, 5 de Santo Alberto Magno, limitando-nos a citar apenas dois autores universalmente reconhecidos como santos e como filósofos.

A tremenda fratura filosofia-teologia, ciência-sabedoria, só será superada pelo gênio restaurador da unidade dos saberes, pela mente incomparável de Santo Tomás de Aquino.

A OBRA INTEGRADORA DE SANTO TOMÁS

Pôde Santo Tomás realizá-la porque era integrista, isto é, "integrador", para usarmos uma palavra castelhana que mais exatamente condensa todo o conceito daquele que integra, ou seja, completa e une uma coisa a outra. Apaixonado pela ordem e pela clareza, que só pode surgir da ordem, demonstra nas suas "Quaestiones disputatae de veritate" II, 2, 172-173, que há ordem no conhecimento porque, como raciocina na "Summa Theologica" Tertia VI, 1, ad primum, existe ordem nas criaturas; ordenar, portanto, o mundo das criaturas é a função da lei eterna e captar tal ordem constitui o fim supremo tanto da filosofia como da teologia.

S. Tomás pode ordená-las hierarquicamente distinguindo-as, enquanto ambas coincidem na procura da ordem. Definiu-o esplendidamente Amedeo Silva-Tarouca quando, no seu "Thomas heute", chama o Santo de Aquino "Ordo-Forscher, Ordo-Weiser und Ordo-Stifter", isto é, investigador, fundador e conhecedor da ordem (5). Porque é no reencontro da ordem que o Santo Frade contempla a substância da especulação filosófica, afirma Martin Brabmann em "Die Philosophie des hl. Thomas von Aquin" (6).

A vida de S. Tomás de Aquino é toda uma ânsia de pôr ordem nos conhecimentos. A sua biografia é marcada por etapas subsequentes, em uma contínua tentativa de superar, aperfeiçoando a ordem dos antigos conhecimentos incorporando-os em um sistema novo, de pôr Aristóteles a serviço do dogma cristão. Nem mesmo no momento supremo da morte acreditou ter conseguido a única verdadeira aspiração de sua vida. Da etapa inicial neo-platonizante dos anos de "baccalareus sententiarum", quando ainda repete a noção da iluminação divina, até à plena maturidade da "Summa Theologica" na qual o homem participa da luz divina pelo intelecto racional, peculiar da natureza humana, cada um de seus escritos constitui um degrau a mais na grande obra de ordenar os conhecimentos.

O realismo tomista, inteiramente dedicado à descoberta da ordem, não procura a teoria do saber no mero intelecto; parte das criaturas para modelar realisticamente sobre elas os modos, as funções e os tipos

(5) Wien, Herder, 1947 — pág. 95.

(6) Nürnberg, Glock und Lutz, 1952 — pág. 15.

de conhecimento. A ordem lógica é um reflexo da ordem ontológica. É inegável que na "Summa", ontologia e teologia formam um todo inseparável, confessa H. Meyer em "Die Wissenschaftslehre des hl. Thomas von Aquin" (7).

Uma vez que parte do ser, a sua epistemologia é radicalmente aristotélica, a única diferença consistindo na separação da teologia, colocando, porém, como última meta de seu difícil trabalho o "Sumo Bem" da revelação cristã. S. Tomás foi crente com a fé maravilhosamente transfigurada na poesia do "Tantum ergo", na única sublime procura de um só prêmio: Deus. Narra Giovanni Colonna, na "Biografia", que Tomás, encontrando-se em oração na capela do convento dominicano de Nápoles, transportado em um profundo êxtase, elevou-se "duos cubitos" do solo, enquanto o Senhor crucificado o louvava: "Bene scripsiste de me, Thoma; quam ergo recipies pro tuo labore mercedem?" "Domine, non aliam nisi te ipsum"(8), foi a resposta do Santo. Porque Tomás se aproxima de Deus com o ímpeto do crente fervoroso, seguindo a dupla via do conhecimento divino sobre a Terra e da posse de Deus depois da morte. A dupla missão indicada à "philosophia christiana" pelos tratadistas anteriores a 1200 passa com o Santo ao âmbito da teologia.

Neste nosso século XX, quando as ciências ou, o que é ainda pior, as técnicas elevadas à ciência asaltam ou destroem os bastiões filosóficos, é bom tomar como modelo a atitude do Santo de Aquino, seu peculiar modo de enfrentar o problema. Acima das ciências particulares S. Tomás pôs o saber universal, o "scibile" necessário, seguro e ordenador, segundo as causas da natureza intrínseca das criaturas, o qual fora, de Aristóteles em diante, a filosofia por excelência ou metafísica. O homem sábio por antonomásia não será o introdutor de exóticas novidades importadas de obscuros sistemas irracionais indianos, nem o que dita sentenças sobre questões fundamentais da cátedra limitada por uma especialização desmedida. O saber tomista é um saber racional e total, com uma única barreira: a da lógica humildade perante a sabedoria infinita de Deus. Para S. Tomás, é sábio por excelência ou excelente filósofo que considera a totalidade do saber pondo-o em relação com a totalidade do universo. Na "Summa contra gentiles" I, 1, coincidindo com a "Summa theologica" Prima, I, 6, respõsio, afirmará que o filósofo se distingue pelas qualidades do saber, que "sapientes est causas altissimas considerare".

Enquanto conhecimento racional de Deus, a teologia racional faz parte da filosofia, tirando dela, da lógica e da gramática os princípios válidos para qualquer operação racional. Mas para além da teologia racional existe a meditação sobre o Ser divino partindo dos dados da revelação cristã, pelo que a fonte da certeza do conhecimento é superior à verdade conhecida pelos homens. Se o conhecimento vem depois do ser

(7) Fulda, Aktiendruckerei, 1934, pág. 116.

(8) Cito para a pág. 348 do texto transcrito por Antonio Berjon nas págs. 347-350 dos seus "Estudios críticos acerca de las obras de Santo Tomás de Aquino". Madrid, Viúva e filhos de Tello, 1899.

o conhecimento do Deus criador é superior ao das criaturas criadas. Na lição primeira do "In quantum Metaphysicorum" fica claro que para a filosofia racional o objeto último da metafísica é Deus, conhecimento aperfeiçoável se a razão humana, falível e limitada, é ajudada pela infalibilidade da Revelação de Cristo.

É a fé que coloca a teologia cristã sobre um plano superior à filosofia. Em "In librum Boetii De Trinitate", II, 2, ad quintum, são os artigos da fé que qualificam a superioridade do saber teológico em relação ao saber filosófico. Problema de fontes. A teologia baseada sobre a revelação é superior à filosofia fundada sobre a razão; porque a graça não substitui a natureza mas pode aperfeiçoá-la. Na "Summa theologica" Prima, I, 8 ad secundum, S. Tomás usa esta argumentação decisiva: "Cum enim gratia non tollat naturam, sed perficiat, oportet quod naturalis subserviat fidei".

S. Tomás não fala de coordenação nem de aproximação, como costumam fazer os progressistas atuais, em sua constante predileção por um diálogo entre a verdade e a mentira, dispostos sempre a fazer concessões, à custa da primeira, em benefício da segunda. S. Tomás afirma a unidade sistemática do saber, ordenando-o hierarquicamente segundo a natureza do ser na logicidade de seu realismo irredutível. Tem razão Th. Heitz, em "Essai historique sur les rapports entre la philosophie et la foi de Béranger de Tour à S. Thomas d'Aquin" quando, a esse propósito, fala de saberes hierarquizados (9). Cai, por sua vez, na arbitrariedade o dominicano holandês B. A. M. Berendse quando, em "Thomas von Aquin. Een geloof op zoek naar inzicht", pretende atribuir ao Santo Doutor a cisão entre filosofia e teologia concebidas como dois saberes autônomos no plano teórico e no prático, sem qualquer relação entre si (10). Disso se deduz facilmente que o reverendo holandês, como muitos outros reverendos progressistas, não se preocupou em ler o que está escrito na "Summa theologica" Prima, I, 5, ad secundum. Talvez porque o clero agora se envergonha de ler o latim, idioma pouco apto aos ambientes frívolos, às maquinações políticas, às negociações econômicas e, por certo, demasiadamente burguês para dialogar com marxistas e anarquistas.

Quem deseja o que S. Tomás não desejou jamais, diga-o claramente, como Giuseppe Saitta em seu livro "Il carattere della filosofia tomista": ter ingerência nos ministérios ou dar ordens aos políticos (11). A doutrina tomista está bem longe de tudo isso porque aquele que a formulou, se dermos crédito a seus biógrafos, não teria trocado Paris inteira pelos "Commentários" de São Jerônimo ao Evangelho de São Mateus (11-216).

Porque jamais houve sobre a Terra um homem mais destituído de ambição, dotado de maior serenidade intelectual e de concepções mais claras. Tomás de Aquino sabia o que procurava como meta para a qual dirigia a flecha fulgurante dos seus incansáveis estudos: Deus. Impôs

(9) Paris, Victor Lecoffre, 1909 — págs. 156-158.

(10) Utrecht, L. van Wijk, 1968 — pág. 128.

(11) Firenze, G. C. Sansoni, 1934 — pág. 24.

à sua mente robusta o trabalho ingente de reencontrar a unidade dos saberes, ameaçada em seu século pelo perigo do averroísmo implícito nas impostações aristotélicas aceitas por Sigieri de Brabante sobre as pegadas de Averroes, perigo compreendido impotentemente por Santo Alberto Magno e esquecido ingenuamente por São Boaventura. Do alto de seu saber ministra-nos, a nós seus seguidores, a lição de não adotar nem a posição passiva do desprezo inútil nem a da lamentação sem esperança. Sua obra foi uma obra de conversão e de batismo cultural de possíveis hereges, obra missionária, em uma palavra. A missão da Contra-reforma. a missão de Filipe II contra protestantes e contra muçulmanos, a missão com a qual os antepassados físicos e espirituais dos que estão aqui presentes construíram a universalidade geográfica do Catolicismo, repetindo as idéias de S. Tomás à sombra dos soldados de Cristo, dos soldados que lutaram nas batalhas do Senhor nos pântanos flamengos, nos estreitos gregos, nos Andes americanos e na igreja de Santa Maria de Trento. A missão que é representada pelas “boinas vermelhas” presentes hoje entre nós.

POR QUE SOMOS TOMISTAS

Somos tomistas por uma dupla razão: pelo magistério e pelo exemplo do Santo Doutor de Aquino. Porque sabemos que em sua doutrina está a interpretação mais fecunda e segura dos dogmas do Catolicismo. Porque o seu exemplo integrador de saberes perante o neo-aristotelismo paginizante de Sigieri de Brabante é o modelo que devemos imitar para enfrentar a paganização das ciências modernas. Porque sentiu a verdade como missão e nós devemos ser os cruzados, fracos em número e em recursos. mas invencíveis perante a tentação cômoda da covardia ou do desencorajamento. Porque São Tomás é o pensador mais atual na verdade perene de suas teses, integradoras na firmeza da fé, jamais submetidas à falsa pacificação do diálogo dos modernos escribas e fariseus, dos capitalistas ou dos marxistas, ou daqueles que implantaram, com a democracia que se disfarça de cristã, o mercado das coisas do Senhor no próprio templo do Pai. Porque, como o Santo de Aquino, amamos a clareza e odiamos a confusão, que é desordem e miséria espiritual.

Mas, sobretudo, somos tomistas porque o foram os nossos predecessores, os de Trento e os soldados dos Tércios hispânicos, que provinham desta Itália que todos amamos, da França Contea, da Catalunha ou de Castela para combater as batalhas do Senhor. Porque somos leais à obra ingente do mais perfeito rei católico, do caluniado e glorioso Filipe II, defensor supremo da Catolicidade e por isso odiado por maçons e marxistas, por progressistas e fanáticos ignorantes mascarados de sábios. Porque somos fiéis aos nossos mortos e professamos por sua memória a “pietas” devota na mais precisa definição de S. Tomás de Aquino.

Por tudo isso hoje nos reunimos aqui em Gênova para honrar com o nosso trabalho a memória do maior pensador do Catolicismo, por ocasião do sétimo centenário de sua morte.